

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

NOVEMBRO DE 1859

Nº 11

## Deve-se Publicar Tudo Quanto Dizem os Espíritos?

Esta questão nos foi dirigida por um de nossos correspondentes e a ela respondemos por meio de outra pergunta: Seria bom publicar tudo quanto dizem e pensam os homens? Quem quer que possua uma noção do Espiritismo, por mais superficial que seja, sabe que o mundo invisível é composto de todos os que deixaram na Terra o envoltório visível. Entretanto, pelo fato de se haverem despojado do homem carnal, nem por isso os Espíritos se revestiram da túnica dos anjos. Encontramo-los de todos os graus de conhecimento e de ignorância, de moralidade e de imoralidade; eis o que não devemos perder de vista. Não esqueçamos que entre os Espíritos, assim como na Terra, há seres levianos, estouvados e zombeteiros; pseudo-sábios, vãos e orgulhosos, de um saber incompleto; hipócritas, malvados e, o que nos pareceria inexplicável, se de algum modo não conhecêssemos a fisiologia desse mundo, existem os sensuais, os ignóbeis e os devassos, que se arrastam na lama. Ao lado disto, tal como ocorre na Terra, temos seres bons, humanos, benevolentes, esclarecidos, de sublimes virtudes; como, porém, nosso mundo não se encontra

nem na primeira, nem na última posição, embora mais vizinho da última que da primeira, resulta que o mundo dos Espíritos compreende seres mais avançados intelectual e moralmente que os nossos homens mais esclarecidos, e outros que ainda estão abaixo dos homens mais inferiores.

Desde que esses seres têm um meio patente de comunicar-se com os homens, de exprimir os pensamentos por sinais inteligíveis, suas comunicações devem ser o reflexo de seus sentimentos, de suas qualidades ou de seus vícios. Serão levianas, triviais, grosseiras, mesmo obscenas, sábias, sensatas e sublimes, conforme seu caráter e sua elevação. Revelam-se por sua própria linguagem; daí a necessidade de não se aceitar cegamente tudo quanto vem do mundo oculto, e submetê-lo a um controle severo. Com as comunicações de certos Espíritos, do mesmo modo que com os discursos de certos homens, poderíamos fazer uma coletânea muito pouco edificante. Temos sob os olhos uma pequena obra inglesa, publicada na América, que é a prova disto, e cuja leitura, podemos dizer, uma mãe não recomendaria à filha. Eis a razão por que não a recomendamos aos nossos leitores. Há pessoas que acham isso engraçado e divertido. Que se deliciem na intimidade, mas que o guardem para si mesmas. O que é ainda menos concebível é se vangloriarem de obter comunicações indecorosas; é sempre indício de simpatias que não podem ser motivo de vaidade, sobretudo quando essas comunicações são *espontâneas e persistentes*, como acontece a certas pessoas. Sem dúvida isto nada prejudica em relação à sua moralidade *atual*, porquanto encontramos criaturas atormentadas por esse gênero de obsessão, ao qual de modo algum se pode prestar o seu caráter. Entretanto, este efeito deve ter uma causa, como todos os efeitos; se não a encontramos na existência presente, devemos buscá-la numa vida anterior. Se não estiver em nós, estará fora de nós, mas sempre nos achamos nessa situação por algum motivo, ainda que seja pela fraqueza de caráter. Conhecida a causa, depende de nós fazê-la cessar.

Ao lado dessas comunicações francamente más, e que chocam qualquer ouvido delicado, outras há que são simplesmente triviais ou ridículas. Haverá inconvenientes em publicá-las? Se forem dadas pelo que valem, serão apenas impróprias; se o forem como estudo do gênero, com as devidas precauções, os comentários e os corretivos necessários, poderão mesmo ser instrutivas, naquilo que contribuirão para tornar conhecido o mundo espiritual em todos os seus aspectos. Com prudência e habilidade tudo pode ser dito; o mal é dar como sérias coisas que chocam o bom-senso, a razão e as conveniências. Neste caso, o perigo é maior do que se pensa. Em primeiro lugar, essas publicações têm o inconveniente de induzir em erro as pessoas que não estão em condições de aprofundá-las nem de discernir o verdadeiro do falso, especialmente numa questão tão nova como o Espiritismo. Em segundo lugar, são armas fornecidas aos adversários, que não perdem tempo em tirar desse fato argumentos contra a alta moralidade do ensino espírita; porque, insistimos, o mal está em considerar como sérias coisas que constituem notórios absurdos. Alguns mesmos podem ver uma profanação no papel ridículo que emprestamos a certas personagens justamente veneradas, e às quais atribuímos uma linguagem indigna delas. Aqueles que estudaram a fundo a ciência espírita sabem como se portar a esse respeito. Sabem que os Espíritos galhofeiros não têm o menor escrúpulo de se adornarem de nomes respeitáveis; mas sabem também que esses Espíritos não abusam senão daqueles que gostam de se deixar abusar, e que não sabem ou *não querem* desmascarar as suas astúcias pelos meios de controle que conhecemos. O público, que ignora isso, vê apenas um absurdo oferecido seriamente à sua admiração, o que faz com que diga: Se todos os espíritas são assim, merecem o epíteto com que foram agraciados. Sem sombra de dúvida, esse julgamento não pode ser levado em consideração; vós os acusais com justa razão de leviandade. Dizei a eles: Estudai o assunto e não examineis apenas uma face da moeda. Entretanto, há tantas pessoas que julgam *a priori*, sem se darem ao trabalho de virar a folha, sobretudo

quando falta boa vontade, que é necessário evitar tudo quanto possa dar motivos a decisões precipitadas, porquanto, se à má vontade vier juntar-se a malevolência, o que é muito comum, ficarão encantadas de encontrar o que criticar.

Mais tarde, quando o Espiritismo estiver mais vulgarizado, mais conhecido e compreendido pelas massas essas publicações não terão maior influência do que hoje teria um livro que encerrasse heresias científicas. Até lá, nunca seria demasiada a circunspeção, visto haver comunicações que podem prejudicar essencialmente a causa que querem defender, em intensidade superior aos ataques grosseiros e às injúrias de certos adversários; se algumas fossem feitas com tal objetivo, não alcançariam melhor êxito. O erro de certos autores é escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundando suficientemente, dando lugar, desse modo, a uma crítica fundamentada. Queixam-se do julgamento temerário de seus antagonistas, sem se darem conta de que muitas vezes são eles mesmos que exibem uma falha na couraça. Aliás, malgrado todas as precauções, seria presunção julgarem-se ao abrigo de toda crítica: primeiro, porque é impossível contentar a todo o mundo; em segundo lugar, porque há pessoas que riem de tudo, mesmo das coisas mais sérias, uns por seu *estado*, outros por seu caráter. Riem muito da religião, de sorte que não é de admirar que riem dos Espíritos, que não conhecem. Se pelo menos suas brincadeiras fossem espirituosas, haveria compensação. Infelizmente, em geral não brilham nem pela finura, nem pelo bom gosto, nem pela urbanidade e muito menos pela lógica. Façamos, então, o que de melhor estiver ao nosso alcance. Pondo de nosso lado a razão e as conveniências, poremos de lado também os trocistas.

Essas considerações serão facilmente compreendidas por todos. Há, porém, uma não menos importante, que diz respeito à própria natureza das comunicações espíritas, e que não devemos omitir: Os Espíritos vão aonde acham simpatia e *onde sabem que*

*serão ouvidos.* As comunicações grosseiras e inconvenientes, ou simplesmente falsas, absurdas e ridículas, não podem emanar senão de Espíritos inferiores: o simples bom-senso o indica. Esses Espíritos fazem o que fazem os homens que são ouvidos complacientemente: ligam-se àqueles que admiram as suas tolices e, freqüentemente, se apoderam deles e os dominam a ponto de os fascinar e subjugar. A importância que, pela publicidade, é concedida às suas comunicações, os atrai, excita e encoraja. O único e verdadeiro meio de os afastar é provar-lhes que não nos deixamos enganar, rejeitando impiedosamente, como apócrifo e suspeito, tudo que não for racional, tudo que desmentir a superioridade que se atribui ao Espírito que se manifesta e de cujo nome ele se reveste. Quando, então, vê que perde seu tempo, afasta-se.

Acreditamos ter respondido suficientemente à pergunta do nosso correspondente sobre a conveniência e a oportunidade de certas publicações espíritas. Publicar sem exame, ou sem correção, tudo quanto vem dessa fonte seria, em nossa opinião, dar prova de pouco discernimento. Tal é, pelo menos, a nossa opinião pessoal, que submetemos à apreciação daqueles que, estando *desinteressados* pela questão, podem julgar com imparcialidade, pondo de lado qualquer consideração individual. Como todo mundo, temos o direito de externar a nossa maneira de pensar sobre a ciência que constitui o objeto de nossos estudos, e de tratá-la à nossa maneira, sem pretender impor nossas idéias a quem quer que seja, nem apresentá-las como leis. Os que partilham a nossa maneira de ver é porque crêem, como nós, estar com a verdade. O futuro mostrará quem está errado ou quem tem razão.

## Médiuns sem Saber

Na sessão da Sociedade, de 16 de setembro de 1859, foram lidos diversos trechos de um poema do Sr. de Porry, de Marselha, intitulado *Urânia*. Como então se observou, nesse

poema abundam as idéias espíritas, que parecem ter sido hauridas na própria fonte de *O Livro dos Espíritos*. Entretanto, constatou-se que na época em que foi escrito seu autor não tinha nenhum conhecimento da Doutrina Espírita. Nossos leitores certamente ficarão gratos se lhes dermos alguns fragmentos. Por certo se recordam do que a respeito foi dito da maneira pela qual o Sr. de Porry escreveu seu poema, maneira que parece denunciar uma espécie de mediunidade involuntária (Ver o número do mês de outubro de 1859). Aliás, os Espíritos que nos cercam exercem sobre nós, mau grado nosso, uma influência incessante, aproveitando as disposições que encontram em certos indivíduos para transformá-los em instrumentos das idéias que querem exprimir e levar ao conhecimento dos homens. Esses indivíduos são, pois, sem o saber, verdadeiros médiuns e, para isso, não necessitam possuir a mediunidade mecânica. Todos os homens de gênio, poetas, pintores e músicos estão neste caso; certamente seu próprio Espírito pode produzir por si mesmo, se é assaz avançado para isso. Entretanto, muitas idéias lhe podem vir de uma fonte estranha; pedindo inspiração, não parece que estejam fazendo um apelo? Ora, o que é essa inspiração, senão uma idéia sugerida? Aquilo que tiramos do nosso próprio íntimo não é inspirado: nós o possuímos e não temos necessidade de recebê-lo.

Se o homem de gênio tirasse tudo de si mesmo, por que, então, lhe faltariam idéias no momento em que as procura? Não seria capaz de as extrair do cérebro, como aquele que tem dinheiro o retira do bolso? Se nada encontra em dado momento, é porque nada tem. Por que, então, quando menos espera, as idéias brotam como por si mesmas? Poderiam os fisiologistas esclarecer esse fenômeno? Acaso já procuraram resolvê-lo? Dizem eles: o cérebro produz hoje, mas amanhã não produzirá. Mas por que não produzirá amanhã? Limitam-se a dizer que é porque produziu na véspera. Segundo a Doutrina Espírita, o cérebro pode sempre produzir o que está dentro dele, razão por que o mais inepto dos

homens sempre acha alguma coisa a dizer, mesmo que seja uma tolice. Mas as idéias das quais não somos os donos, não são nossas: elas nos são sugeridas. Quando a inspiração não vem é porque o inspirador não está presente ou não julga conveniente inspirar. Parece-nos que esta explicação é melhor do que a outra. Contudo, poderíamos objetar que o cérebro, não produzindo, não deveria fatigar-se. Isso seria um erro; o cérebro não deixa de ser o canal por onde passam as idéias estranhas, o instrumento que executa. O cantor não fatiga suas cordas vocais, embora a música não seja dele? Por que, então, não se fatigaria o cérebro, ao exprimir as idéias de que está encarregado de transmitir, embora não as tenha produzido? Por certo é para dar-lhe o repouso necessário à aquisição de novas energias que o inspirador lhe impõe um intervalo.

Poder-se-ia ainda objetar que esse sistema tira ao produtor o seu mérito pessoal, porquanto atribui às suas idéias uma fonte estranha. A isso respondemos que, se as coisas assim se passassem, não saberíamos o que fazer e não veríamos muita necessidade em tirar partido do mérito alheio. Mas essa objeção não é séria: primeiro, porque não dissemos que o homem de gênio não possa haurir alguma coisa de seu próprio íntimo; em segundo lugar, porque as idéias que lhe são sugeridas se confundem com as suas próprias e nada as distingue. Assim, ele não é censurável por se atribuir tais idéias, a menos que, tendo-as recebido a título de comunicação espírita constatada, quisesse assumir a glória das mesmas, o que poderia levar os Espíritos a fazê-lo passar por algumas decepções. Diremos, enfim, que se os Espíritos sugerem grandes idéias a um homem, dessas idéias que caracterizam o gênio, é porque o julgam capaz de as compreender, de as elaborar e transmitir; não tomariam um imbecil para seu intérprete. Podemos, portanto, sentir-nos honrados de receber uma grande e bela missão, principalmente se o *orgulho* não a desviar do seu objetivo louvável e não nos fizer perder o seu mérito.

Quer os pensamentos seguintes sejam do Espírito pessoal do Sr. de Porry, quer tenham sido sugeridos por via *mediúnica indireta*, menor não será o mérito do poeta, porquanto, se a idéia primitiva lhe foi dada, jamais lhe poderão contestar a honra de tê-la elaborado.

## Urânia

**Fragmentos de uma poema do Sr. de Porry, de Marselha.**

Abri aos gritos meus, ó véus do santuário!  
Que esteja em treva o mau, o bom no iluminário!  
Agite-se o meu peito à santa claridade  
Em cintilante flux, dardejando a verdade!  
Ó pensadores, vós que nas ações coevas  
Prometei-nos a luz e só nos dais as trevas,  
Que em vossos sonhos vãos, ilusões levianas,  
Embalais sem cessar as desgraças humanas,  
Em concílios que tanto orgulho vos requer.  
Confundidos sereis por voz de uma mulher!  
O Deus que vós quereis do Universo banir,  
Ou talvez pretendais com risos definir,  
E que quereis em vão sondar a Sua essência,  
Presente O tendes vós em vossa consciência;  
E quem quer que se dando a debates sutis  
Tão alto O ousa negar em secreto O condiz!  
Tudo, por Seu querer, nasce, vive e se alterna:  
É princípio supremo – a própria vida eterna;  
Tudo n`Ele repousa: Espírito e matéria;  
Se Ele lhe nega o sopro ...eis a morte sidérea!  
Um dia disse o ateu: *“Ab, Deus é uma quimera;  
Filha do acaso, a vida é apenas uma espera;  
O mundo que o homem fraco ao nascer é lançado  
É regido por leis do que é necessitado.  
Se a morte nos apaga os sentidos em chama,  
Do nada o abismo, então, de novo nos reclama;  
Da imutável natura, em seu curso eternal.  
Nossos restos recolhe o seio maternal.  
Goçemos, pois, então, os seus curtos favores;  
Nossas fronte em luz coroam-se de flores;  
Só o prazer é Deus: em nossos desatinos*

*Incitamos furor nos mutáveis destinos!"*

Mas logo que a consciência, a interna vingadora,  
 Insensato! Mostrar-te a culpa embriagadora,  
 O pobre repellido em gesto desumano,  
 O crime que manchou as tuas mãos de insano,  
 Sairá do seio escuro e da matéria cega  
 E no teu coração surge a luz que renega  
 Os teus crimes e os põe ao teu olhar ansioso,  
 Fazendo-te, que horror! de ti mesmo odioso?  
 Do soberano, então, que a tua audácia ainda  
 Quer negar, sentirás sua pujança infinda  
 A oprimir-te e a assediar-te, e embora os teus esforços,  
 Em revelar-te a ti no grito dos remorsos!...  
 Os homens evitando em sua inquietude  
 Busca dos matagais a atroz solicitude;  
 E crês que ao percorrer das sombras os ermos seus  
 Conseguirás fugir da presença de Deus!  
 Sobre a presa vencida o tigre dorme em paz;  
 O homem vigia em sangue e em trevas abismais,  
 De olhar apavorado em vislumbrante horror;  
 Treme-lhe o corpo envolto em frígido suor;  
 Um ruído sinistro invade-lhe os ouvidos;  
 De fantasmas cruéis rodeiam-lhe bramidos;  
 Sua terrível voz confessa os erros seus  
 E clama com terror: Graça, graça, ó meu Deus!  
 Sim, o remorso, enfim, carrasco da ciência,  
 Que nos revela em Deus nossa imortal essência;  
 E muitas vezes faz de um nobre criminoso,  
 Por arrependimento, um mártir glorioso;  
 Dos brutos separando a humana criatura,  
 Eis do remorso a chama em que a alma se depura  
 E é por seu aguilhão o ser regenerado,  
 Pela escala do bem se faz mais elevado.

Sim a verdade brilha, e do soberbo ateu  
 O sentimento audaz refuta o esplendor seu.  
 O panteísmo vem expor por sua vez  
 De um argumento vão a insensata aridez:  
*"Fascinados mortais por um sonho risível  
 Onde ireis encontrar o Grão-Ser invisível?  
 Ei-lo diante de vós o eterno Grande-Todo;  
 Tudo lhe forma a essência e ele resume o todo;*

*Deus respande no Sol, verdeia na folhagem,  
 Ruge pelo vulcão e troa na voragem,  
 Floresce nos jardins, pelas águas murmura,  
 Suspirando na voz das aves com ternura,  
 E dos ares a cor faz diáfanos tecidos;  
 É ele que nos anima os órgãos entretidos;  
 É ele que pensa em nós, cada ser mais diverso;  
 Tudo, pois, é ele mesmo; esse Deus é o Universo.”*

O que! Mostrar-se Deus a si mesmo contrário!  
 É ovelha e lobo, rola e víbora! Tão vário  
 E se faz, vez por vez, pedra, planta, animal;  
 Combina-se o seu ser ora ao bem ora ao mal,  
 Corre todos os graus desde o bruto ao arcanjo!...  
 Ser ele luz e lama é antítese de arranjo!  
 Ele é bravo e covarde, é pequeno e gigante,  
 Imortal e mortal, verídico e farsante!...  
 É ele ao mesmo tempo a vítima e o agressor,  
 Que ora rola no crime, ora cultiva o amor;  
 Lamettrie e Platão, ou Marco-Aurélio e Nero,  
 E Sócrates, o sábio, e Méritos; é vero  
 Que possa ao mesmo tempo o bem e o mal servir!  
 Ele mesmo se afirma e nega definir!  
 E contra a própria essência afia o gume eterno,  
 Se volta ao paraíso e se condena ao inferno,  
 Invoca o nada; e assim, por cúmulo de injúria  
 A própria obra maldiz com sua voz em fúria!...  
 Oh! não, mil vezes não, tal dogma monstruoso  
 Jamais pode nascer num coração virtuoso.  
 Imerso em seu remorso onde o crime se expia,  
 O temerário autor da doutrina doentia,  
 No seio do prazer sentiu-se apavorar  
 Ante a imagem de um Deus que não pode negar;  
 E para se eximir – blasfêmia da blasfêmia –  
 Ele o uniu a este mundo e fez-se-lhe alma gêmea.  
 Ainda bem que o ateu, premido e atormentado,  
 Ousando negar Deus, não O faz degredado.

.....

Oh! Deus que a raça humana O busca sem cessar,  
 Deus, que não conhecendo, O temos que adorar,  
 Dos seres todos é um só princípio e fim:  
 Mas para O alcançar, qual o caminho, enfim?  
 Não é pela Ciência, efêmera miragem

Que nos fascina o olhar com fulgurante imagem,  
 E que frustrando sempre um incapaz querer,  
 Desfaz-se sob a mão que O julgava deter!  
 Sábios, acumulais escombros sobre escombros  
 E tais sistemas vão não vão além de assombros!  
 Esse Deus que ninguém pode ver sem morrer,  
 Cuja essência contém um terrível poder,  
 Mas sabe aos filhos seus nutrir de terno amor,  
 Só o podes compreender lhe igualando em dulçor!  
 Ah! para a Ele se unir e reencontrá-lo um dia,  
 A alma deve voar como o Amor o faria.  
 Atiremos ao vento o orgulho, a vã descrença;  
 Deus, Ele mesmo aplaina os caminhos da crença;  
 Seu infinito amor jamais desencontrou  
 De uma alma que, sincera, ansiosa O procurou,  
 E que, calcando aos pés, a riqueza e o prazer,  
 Aspira se integrar em seu supremo Ser.  
 Porém esse Deus que ama o coração piedoso,  
 Que baniu de seu seio o déspota orgulhoso,  
 Que se oculta do sábio e se entrega ao prudente,  
 Não quer se repartir como o amante inclemente;  
 E, para O merecer faz-se preciso opor  
 Às ilusões do mundo um firme desamor.  
 Felizes filhos seus, que afastados de tudo,  
 Têm no belo, no bom, no verdadeiro o estudo!  
 Feliz é o homem justo entregue todo inteiro  
 Ao tríplice clarão desse foco altaneiro!  
 Em meio às aflições de um cortejo fecundo,  
 Num círculo restrito ao nosso pobre mundo,  
 A um oásis parece a florir num deserto,  
 E o tesouro da Fé à sua alma está aberto;  
 E Deus, sem se mostrar, o coração lhe invade,  
 E a alegria lhe dá de incontida verdade.  
 Então o homem prudente aceita o seu destino;  
 E com serena paz acolhe o bem divino;  
 E quando a noite o envolve em seu véu constelado  
 Ele dorme tranqüilo e feliz, e embalado,  
 Num sonhar que inebria o terno coração,  
 Um celeste antegoço e de suprema unção.

Tua alma que tem sede ardente da verdade  
 Da Criação quer sondar toda a profundidade?...

Como um pintor, primeiro apronta a tua mente  
 A tela que o pincel irá tornar patente,  
 Do eterno tudo sai por sua luz natura,  
 Mas sem se confundir com sua criatura  
 Que tendo recebido o espírito dos céus,  
*É livre de falir ou de elevar-se a Deus.*  
 Obra de sua mente ou de sua palavra,  
 Parte cada criação de seu seio ... e lavra,  
 Num círculo sem fim e de leis imutáveis,  
*Com destino escolhido e fins realizáveis.*  
 Como artista Deus pensa antes de produzir.  
 Assim, o que produz poderá destruir;  
 E, fonte perenal de cada ser diverso,  
 Dos astros que semeia em luz pelo Universo,  
 Deus, o infrene Poder, de sua Vida eterna,  
 A suas criações transmite uma luzerna.  
 O livro ou quadro então pelo artista criado,  
 É inerte produção, jaz imobilizado;  
 Mas o Verbo de luz, vindo do Onipotente  
 Destaca-se e se faz por si próprio existente;  
 Sem cessar se transforma e nunca é perecível;  
 Do metal se projeta o espírito invisível,  
 O Verbo criador adormece na planta,  
 Sonha no animal e no homem se levanta;  
*De degrau em degrau a descer e a subir*  
 Se agrega à Criação em sublime fulgir,  
 Do éter na ondulação forma imensa cadeia  
 Que na pedra começa e no arcanjo se alteia.  
 Obedecendo às leis que regem atos seus,  
 Cada ser se aproxima ou se afasta de Deus;  
 Seja o que ao bem se dá ou quem o mal atrai,  
 Cada ser racional por si se eleva ou cai.  
 Ora, se o homem habita a atmosfera do mal,  
 Rebaixa-se ele em crime ao nível do animal;  
 Em anjo se transforma o homem puro, e esse anjo  
 De degrau em degrau pode tornar-se arcanjo.  
 Em seu trono brilhante esse arcanjo assentado,  
 Seu caráter real estará conservado,  
 Ou de seu brilho a luz da própria Onipotência  
 Bem pode assimilar uma perfeita essência.  
 Mais de um arcanjo, assim, no celeste esplendor  
 A Deus se reuniu por excesso de amor;

Mas outros, invejando a glória soberana,  
 No fascínio do orgulho – este pai da ira insana –  
 Tem querido julgar os decretos de Deus,  
 E na noite imergir dos escaninhos seus;  
 Esse Deus cujo olhar em pó se tornaria,  
 Somente os abrasou com a luz que ele irradia.  
 Transtornados, depois, pelo Universo errantes  
 Sempre assaltados são de remorsos hiantes  
 Esses anjos sem norte em audácia funesta,  
 Não ousam mais do céu mostrar-se numa fresta,  
 E a vergonha a aguçando o aguilhão mordaz,  
 Lança seu coração às vascas infernais,  
*Enquanto o homem de bem, as provas cumpridas,  
 Se eleva ao paraíso em glórias incontidas.*  
 Todos os mundos, pois, semeados no infinito  
 Que ferem teu olhar com seu fulgor bendito,  
 E que rola do espaço a vaga universal,  
 Há Espíritos também, na escala espacial.  
 Vários globos que estão quais focos luminosos  
 São abrigos de luz, celestiais, grandiosos  
 Onde vagam no espaço, em planos distanciados,  
*As multidões em luz de Espíritos graduados.*  
 Há mundos de pureza e mundos em deslizes:  
 Reinam sem objeção sobre os mundos felizes  
 Três cetros divinais – são honra, amor, justiça,  
 Da ordem social cimentando a premissa;  
 E amados sem cessar pelos seus habitantes,  
 Constituem penhor de venturas constantes.

De outros globos, girando em lóbregas vertigens,  
 Não aprovados são dos anjos, nas origens,  
 Esses mundos que, enfim, sofrem sua desgraça,  
 Pelas suas trocando as leis de Deus sem jaça;  
 E sobre o solo seu brama horrível tormenta,  
 Na qual a multidão impura se lamenta.  
 Nosso globo noviço, em seus passos primeiros,  
 Até hoje flutua entre esses dois roteiros.  
 Ultrajando a moral e a própria Natureza,  
 Quando um mundo do crime excede-se em defesa;  
 Quando o povo mergulha em prazeres frementes,  
 Os ouvidos fechando aos profetas videntes;  
 Que o Verbo divino o mais ligeiro traço

Nesse mundo se apaga enceguecido e baço,  
Então do Onipotente a cólera a ferver  
Sobre o rebelde cai e o leva a perecer:  
Arcanjos da justiça, então de asas possantes,  
Batem na ímpia Terra... e os mares ululantes  
De sua imensa altura, indo além de seus níveis,  
Precipitam no solo os vagalhões terríveis;  
Estrondeiam vulcões num ribombar profundo,  
Pelo éter dispersando os resíduos do mundo;  
E o Soberano Ser, cuja vingança explode,  
Destrói o globo atroz que nele crer não pode!

Nossa Terra medíocre é uma estância de prova,  
Onde o justo sofrendo, em prantos se renova,  
Que a lágrima depura e eleva o coração,  
Lhe preparando o mundo para evolução.  
Não é portanto em vão que o sono repousante,  
Num transporte nos leva a um sonho inebriante,  
E num rápido impulso estamos conduzidos  
Num novo astro de luz de brilhos refulgidos;  
Onde cremos vagar por verdejantes prados  
Corridos sem cessar por seres ajuizados;  
Nós vemos este globo adornado de sóis  
Brancos, rubros, azuis como nos arrebóis,  
Que, em seus ares, fulgindo os tons mais variados,  
Deixam de almos clarões os campos matizados!...  
Se manténs neste mundo um coração,  
A esses globos irás de aspecto luxuoso  
Onde risonha é a paz junto à sabedoria,  
Ali só reina o bem em eterna harmonia.  
Sim, tua alma percebe as radiosas moradas  
Que os favores do Céu fazem embelezadas,  
Onde a alma se depura e sobe, pouco a pouco,  
Enquanto o mau regride em seu caminho louco.  
Mas o reino do mal, em seus anéis fatais,  
Desce de giro em giro a abismos infernais.

Espelho que reflete imagens de universos,  
Nossa alma pressagia os destinos diversos.  
A alma, energia viva, reage os seus sentidos,  
Que lhe atendem de pronto aos mínimos pedidos –  
Que como chama presa em um vaso de argila,

Com seu forte calor a prisão aniquila –  
 A alma que ainda retém lembrança do passado  
 E às vezes sabe ler no futuro afastado,  
 Não a centelha só desse fogo vital,  
 Tu sentes mesmo, em ti, que tua alma é imortal.  
 Nas regiões do espaço e em toda a eternidade,  
 Guardando a sua estada e sua identidade,  
 A alma nunca morre, apenas se transporta,  
 E, de asilo em asilo, ela sempre se exorta.  
 Nossa alma ao se isolar do mundo exterior,  
 Poderá conquistar um sentir superior;  
 E pela embriaguez de um sonho então magnético,  
 Se armar de outra visão ou de algum dom profético;  
 Ao libertar-se, pois, dos liames terrenos,  
 Facilmente percorre os planos celestiais;  
 E, de um salto veloz, lança-se ao firmamento,  
 Vê através de tudo e lê o pensamento.

## Swedenborg

Swedenborg é um desses personagens mais conhecidos de nome que de fato, ao menos para o vulgo. Suas obras, muito volumosas e, em geral, muito abstratas, quase que só são lidas pelos eruditos. Assim, a maioria das pessoas que a elas se referem ficariam muito embaraçadas para dizer o que ele era. Para uns, é um grande homem, objeto de profunda veneração, sem saberem por quê; para outros, não passa de um charlatão, de um visionário, de um taumaturgo. Como todos os homens que professam idéias que não são compartilhadas pela maioria, sobretudo quando tais idéias ferem certos preconceitos, ele teve e ainda tem os seus contraditores. Se estes últimos se tivessem limitado a refutá-lo, estariam no seu direito. Mas o espírito de partido nada respeita, e as mais nobres qualidades não encontram graça diante dele. Swedenborg não poderia ser uma exceção. Sua doutrina, sem dúvida, deixa muito a desejar. Ele próprio, hoje, está longe de aprová-la em todos os pontos. No entanto, por mais refutável que seja, nem por isso deixará de ser um dos homens mais eminentes do seu século.

As informações seguintes foram extraídas da interessante notícia que a Sra. P... enviou à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

Emmanuel Swedenborg nasceu em 1688, em Estocolmo, e faleceu em Londres, em 1772, aos 84 anos de idade. Seu pai, Joeper Swedenborg, bispo de Skava, era notável pelo mérito e pelo saber; o filho, porém, o ultrapassou. Destacou-se em todas as ciências, especialmente na Teologia, na Mecânica, na Física e na Metalurgia. Sua prudência, sabedoria, modéstia e simplicidade lhe valeram a alta reputação de que ainda hoje desfruta. Os reis o chamaram para os seus conselhos. Em 1716, Carlos XII o nomeou seu assessor na Escola de Metalurgia de Estocolmo. A rainha Ulrica o fez nobre, e ele ocupou os postos de maior relevo, com distinção, até 1743, época em que teve a sua primeira revelação espírita. Tinha, então, 55 anos. Pediu demissão e não quis mais se ocupar senão de seu apostolado e do estabelecimento da doutrina da Nova Jerusalém. Eis como ele próprio conta a sua primeira revelação:

“Eu estava em Londres e jantava muito tarde, em meu albergue habitual, onde havia reservado um quarto, a fim de ter liberdade para meditar à vontade. Senti fome e comia com muito apetite. Ao terminar, percebi que uma espécie de nevoeiro se espalhava ante meus olhos e vi o assoalho do quarto coberto de répteis horrorosos, tais como serpentes, sapos, lagartos e outros. Fui tomado de medo à proporção que as trevas aumentavam; contudo, logo elas se dissiparam. Vi, então, claramente um homem em meio a uma luz viva e radiante, sentado a um canto do quarto; os répteis haviam desaparecido com as trevas. Encontrava-me só; imaginai o pavor que se apoderou de mim, quando o ouvi pronunciar distintamente, mas com um tom de voz capaz de imprimir terror: “Não comas tanto!” A estas palavras, minha vista se toldou, mas, pouco a pouco, se restabeleceu, vendo-me sozinho no quarto. Ainda um pouco apavorado com tudo quanto havia visto, apressei-me em recolher-me ao meu alojamento, sem nada

dizer a ninguém sobre o que havia acontecido. Aí me entreguei à reflexão, sem poder admitir que aquilo fosse efeito do acaso ou de qualquer causa física.

“Na noite seguinte, o mesmo homem, radiante de luz, apresentou-se novamente e me disse: ‘Eu sou Deus, o Senhor, Criador e Redentor; escolhi-te para explicar aos homens o sentido interior e espiritual da Sagrada Escritura. Ditarei o que deves escrever.’

“Desta vez não fiquei tão apavorado. A luz que o envolvia, embora viva e resplandecente, não produziu nenhuma impressão dolorosa em meus olhos. Estava vestido de púrpura e a visão durou um bom quarto de hora. Naquela mesma noite os olhos do meu homem interior foram abertos e predispostos a ver o céu, o mundo dos Espíritos e os infernos; encontrei por toda parte várias pessoas do meu conhecimento, algumas mortas há muito tempo, outras recentemente. Desde aquele dia renunciei a todas as ocupações mundanas para não mais me ocupar senão das coisas espirituais, submetendo-me à ordem que havia recebido. Mais tarde, aconteceu-me diversas vezes ter abertos os olhos do Espírito, percebendo, em pleno dia, o que se passava no outro mundo, falando aos anjos e aos Espíritos, assim como falo aos homens.”

Um dos pontos fundamentais da doutrina de Swedenborg repousa naquilo que ele chama *as correspondências*. Segundo ele, estando os mundos espiritual e natural ligados entre si, como o interior ao exterior, resulta que as coisas espirituais e as coisas naturais constituem uma unidade, por influxo, e que há entre elas uma correspondência. Eis o princípio; mas o que se deve entender por essa correspondência e esse influxo é difícil de apreender.

A Terra, diz Swedenborg, corresponde ao homem. Os diversos produtos que servem à nutrição do homem correspondem

a diversos gêneros de bens e de verdades, a saber: os alimentos sólidos a gêneros de bens, e os alimentos líquidos a gêneros de verdades. A casa corresponde à vontade e ao entendimento, que constitui o mental humano. Os alimentos correspondem às verdades ou às falsidades, segundo a substância, a cor e a forma que apresentam. Os animais correspondem às afeições; os úteis e mansos, às boas afeições; os nocivos e maus, às más afeições; os pássaros mansos e belos, às verdades intelectuais; os maus e feios, à falsidade; os peixes, às ciências que se originam das coisas sensuais; e os insetos nocivos às falsidades que provêm dos sentidos. As árvores e os arbustos correspondem a diversos gêneros de conhecimento; as ervas e a grama, a diversas verdades científicas. O ouro corresponde ao bem celeste; a prata, à verdade espiritual; o bronze, ao bem natural, etc., etc. Assim, desde os últimos graus da criação até o sol celeste e espiritual, tudo se mantém, tudo se encadeia pelo influxo que produz a correspondência.

O segundo ponto de sua doutrina é este: Não há senão um Deus e senão uma pessoa, que é Jesus Cristo.

Criado livre, segundo Swedenborg o homem abusou de sua liberdade e de sua razão. Caiu; mas sua queda tinha sido prevista por Deus e devia seguir-se de sua reabilitação, porquanto Deus, que é o amor mesmo, não podia deixá-lo no estado em que sua queda o havia mergulhado. Ora, como operar tal reabilitação? Recolocá-lo no estado primitivo seria tirar-lhe o livre-arbítrio e, assim, aniquilá-lo. Foi subordinando-o às leis de sua ordem eterna que Ele procedeu à reabilitação do gênero humano. Vem, a seguir, uma teoria muito difusa dos três sóis transpostos por Jeová, para se aproximar de nós e provar que ele é o *próprio homem*.

Swedenborg divide o mundo dos Espíritos em três lugares diferentes: céus, lugares intermediários e infernos. Diz ele: “Depois da morte entramos no mundo dos Espíritos; os santos

dirigem-se voluntariamente para um dos três céus e os pecadores para um dos três infernos, de onde jamais sairão.” Essa doutrina desesperadora anula a misericórdia de Deus, pois lhe recusa o poder de perdoar os pecadores surpreendidos por uma morte violenta ou acidental.

Mesmo rendendo justiça ao mérito pessoal de Swedenborg, como cientista e como homem de bem, não nos podemos constituir defensores de doutrinas que o mais elementar bom-senso condena. O que ressalta mais claramente, conforme o que agora conhecemos dos fenômenos espíritas, é a existência de um mundo invisível e a possibilidade de nos comunicarmos com ele. Swedenborg gozou de uma faculdade que em seu tempo pareceu sobrenatural, razão por que admiradores fanáticos o encararam como um ser excepcional. Em tempos mais recuados, teriam levantado altares em sua homenagem; dos que não acreditavam nele, uns o consideraram como um cérebro exaltado, e outros, como um charlatão. Para nós, era um médium vidente e um escritor intuitivo, como os há aos milhares, faculdade que pertence ao número dos fenômenos naturais.

Ele cometeu um equívoco dificilmente perdoável, não obstante sua experiência das coisas do mundo oculto: o de aceitar cegamente tudo quanto lhe era ditado, sem o submeter ao controle severo da razão. Se tivesse pesado maduramente os prós e os contras, teria reconhecido princípios irreconciliáveis com a lógica, por menos rigorosa que fosse. Hoje, provavelmente não cairia na mesma falta, porquanto disporia de meios para julgar e apreciar o valor das comunicações de além-túmulo. Saberria que constituem um campo onde nem todas as ervas podem ser colhidas, e que entre umas e outras o bom-senso, que não nos foi dado por acaso, deve saber escolher. A qualidade que a si mesmo se atribuiu o Espírito que a ele se manifestou bastaria para o pôr em guarda, sobretudo se considerarmos a trivialidade de sua apresentação. Aquilo que ele próprio não fez, compete a nós fazê-lo agora, não

tirando de seus escritos senão o que contêm de racional. Seus próprios erros devem ser um ensinamento para os médiuns demasiado crédulos, que certos Espíritos procuram fascinar, lisonjeando-lhes a vaidade ou os preconceitos por uma linguagem pomposa ou de aparências enganadoras.

A seguinte anedota prova a má-fé dos adversários de Swedenborg, que buscavam todas as ocasiões para denegri-lo. Conhecendo as faculdades de que era dotado, a rainha Luísa Ulrica o havia encarregado, um dia, de saber do Espírito de seu irmão, o príncipe da Prússia, porque, algum tempo antes de sua morte, ele não respondera a uma carta que ela lhe havia enviado para pedir conselhos. Ao cabo de vinte e quatro horas Swedenborg teria relatado à rainha, em audiência secreta, a resposta do príncipe, concebida de tal sorte que esta, plenamente convencida de que ninguém, exceto ela e seu falecido irmão, conheciam o conteúdo daquela carta, foi tomada da mais profunda estupefação, reconhecendo o poder miraculoso do grande homem. Eis a explicação que dá a esse fato um de seus antagonistas, o cavaleiro Beylon, leitor da rainha:

“Consideravam a rainha como um dos principais autores da tentativa de revolução que ocorreu na Suécia, em 1756, e que custou a vida ao conde Barbé e ao marechal Horn. Pouco faltou para que o partido dos chapéus, que então triunfava, não a tonasse responsável pelo sangue derramado. Nesta crítica situação, ela escreveu ao irmão, o príncipe da Prússia, para lhe pedir conselho e assistência. A rainha não recebeu resposta. Como o príncipe tivesse morrido logo depois, jamais soube ela a causa do seu silêncio, razão por que encarregou Swedenborg de interrogar o Espírito do príncipe a tal respeito. Justamente à chegada da mensagem da rainha, estavam presentes os senadores conde T... e conde H... Este último, que havia interceptado a carta, sabia tão bem quanto seu cúmplice, o conde T..., por que aquela carta havia ficado sem resposta, e ambos resolveram aproveitar a circunstância

para fazer com que seus conselhos, a respeito de muitas coisas, pudessem chegar à rainha. Foram, então, à noite procurar o visionário e lhe ditaram a resposta. À falta de inspiração, Swedenborg aceitou-a prontamente. No dia seguinte correu à casa da rainha e, no silêncio de seu gabinete, disse-lhe que o Espírito do príncipe lhe aparecera e o havia encarregado de anunciar-lhe o seu descontentamento e assegurar-lhe que, se não respondera à carta, é que desaprovava sua conduta e que sua política imprudente e sua ambição eram a causa do sangue derramado; que ela era culpada diante de Deus e que teria de expiar essa culpa. Ele a fazia prometer não mais se envolver nos negócios do Estado, etc., etc. Convencida por esta revelação, a rainha acreditou em Swedenborg e abraçou a sua defesa com ardor.

Essa anedota deu origem a uma polêmica contínua entre os discípulos de Swedenborg e seus detratores. Um eclesiástico sueco, chamado Malthesius, que veio a enlouquecer, tinha publicado que Swedenborg, do qual era inimigo declarado, se havia retratado antes de morrer. O boato espalhou-se na Holanda, pelo outono de 1785, o que levou Robert Hindmarck a instaurar um inquérito a respeito e demonstrar toda a falsidade da calúnia inventada por Malthesius.

A história da vida de Swedenborg prova que a visão espiritual, de que era dotado, em nada prejudicou o exercício de suas faculdades naturais. Seu panegírico, pronunciado após sua morte pelo acadêmico Landel perante a Academia de Ciências de Estocolmo, mostra quanto era vasta a sua erudição e, pelos discursos pronunciados na Dieta, em 1761, vemos a parte que ele tomava na direção dos negócios públicos de seu país.

A doutrina de Swedenborg fez numerosos prosélitos em Londres, na Holanda e mesmo em Paris, onde deu origem às Sociedades de que tratamos em nosso número do mês de outubro, a dos Martinistas, dos Teósofos, etc. Se nem todos a aceitaram em

todas as suas conseqüências, teve, pelo menos, o mérito de propagar a crença na possibilidade da comunicação com os seres de além-túmulo, crença bastante antiga, como se sabe, mas até agora oculta às pessoas simples pelas práticas misteriosas de que se achava envolvida. O mérito incontestável de Swedenborg, seu profundo saber, sua alta reputação de sabedoria tiveram um grande peso na propagação dessas idéias, que hoje se popularizam cada vez mais, pois crescem em plena luz e, longe de buscar a sombra do mistério, fazem apelo à razão. Malgrado os erros de seu sistema, Swedenborg não deixa de ser uma dessas grandes figuras cuja lembrança ficará ligada à história do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e mais zelosos fomentadores.

COMUNICAÇÃO DE SWEDENBORG PROMETIDA NA SESSÃO DE 16 DE SETEMBRO

(Sociedade, 23 de setembro de 1859)

Meus bons amigos e crentes fiéis. Desejei vir entre vós para vos encorajar no caminho que seguis com tanta firmeza, relativamente à questão espírita. Vosso zelo é apreciado no mundo dos Espíritos. Prosegui, mas não vos descuideis, porque os obstáculos ainda vos entravarão por algum tempo; a vós não faltarão detratores, como também ocorreu comigo. Há um século preguei o Espiritismo e tive inimigos de todos os gêneros; mas tive também fervorosos adeptos, e isso sustentou a minha coragem. A minha moral espírita e a minha doutrina não estão isentas de grandes erros, que hoje reconheço. Assim, as penas não são eternas; vejo que Deus é muito justo e muito bom para punir eternamente a criatura que não tem força suficiente para resistir às paixões. O que eu também dizia do mundo dos anjos, que é o que pregam nos templos, não passava de ilusão dos meus sentidos; acreditei vê-lo, agia de boa-fé, mas enganei-me. Vós, sim, estais no melhor caminho, porque estais mais esclarecidos do que estávamos em meu tempo. Continuai, mas sede prudentes, a fim de que os vossos inimigos não tenham armas muito fortes contra vós. Vede o terreno que ganhais todos os dias. Coragem, pois, porque o

futuro vos está garantido. O que vos dá forças é o fato de falardes em nome da razão. Tendes perguntas a dirigir-me? Eu vo-las responderei.

*Swedenborg*

1. Foi em 1745, em Londres, que tivestes a primeira revelação. Vós a desejáveis? Naquele tempo já vos ocupáveis de questões teológicas?

*Resp.* – Já me ocupava com isso, mas não desejara absolutamente essa revelação: ela me veio espontaneamente.

2. Qual foi o Espírito que vos apareceu, dizendo ser o próprio Deus? Era realmente Deus?

*Resp.* – Não. Acreditei no que me falava porque nele via um ser sobre-humano e fiquei lisonjeado.

3. Por que ele tomou o nome de Deus?

*Resp.* – Para ser mais bem obedecido.

4. Pode Deus manifestar-se diretamente aos homens?

*Resp.* – Certamente o poderia, mas não o faz mais.

5. Então já houve um tempo em que ele se teria manifestado?

*Resp.* – Sim, nas primeiras idades da Terra.

6. Aquele Espírito vos fez escrever coisas que hoje reconhecéis como errôneas. Ele o fez com boa ou com má intenção?

*Resp.* – Não o fez com má intenção; ele próprio se enganou, porque não era suficientemente esclarecido. Agora percebo que as ilusões do meu próprio Espírito e de minha inteligência o influenciavam, mau grado seu. Entretanto, no meio de alguns erros de sistema, fácil é reconhecer grandes verdades.

7. O princípio de vossa doutrina repousa sobre as correspondências. Continuais acreditando nessas relações que encontráveis entre cada coisa do mundo material, e cada coisa do mundo moral?

*Resp.* – Não; é uma ficção.

8. Que entendeis por estas palavras: *Deus é o próprio homem?*

*Resp.* – Deus não é o homem, mas o homem é uma imagem de Deus.

9. Poderíeis desenvolver o vosso pensamento?

*Resp.* – Digo que o homem é a imagem de Deus porque a inteligência, o gênio que ele recebe algumas vezes do céu é uma emanção da Onipotência Divina. Ele representa Deus na Terra pelo poder que exerce na Natureza inteira e pelas grandes virtudes que está em seu poder adquirir.

10. Devemos considerar o homem como uma parte de Deus?

*Resp.* – Não, o homem não é uma parte da Divindade: é apenas sua imagem.

11. Poderíeis dizer-nos de que maneira recebíeis as comunicações dos Espíritos? Escrevíeis aquilo que vos era revelado à maneira de nossos médiuns, ou por inspiração?

*Resp.* – Quando me achava em silêncio e em recolhimento, meu Espírito ficava como que maravilhado, extasiado, e eu via claramente uma imagem diante de mim, que me falava e ditava o que deveria escrever; algumas vezes minha imaginação se misturava nisso.

12. Que devemos pensar do fato narrado pelo cavaleiro Beylon, a propósito da revelação que fizestes à rainha Luísa Ulrica?

*Resp.* – Essa revelação é verdadeira. Beylon a desnaturou.

13. Qual a vossa opinião sobre a Doutrina Espírita, tal qual é hoje?

*Resp.* – Eu vos disse que estais num caminho mais seguro que o meu, tendo em vista que as vossas luzes são em geral mais amplas. Eu tinha de lutar contra uma ignorância maior e, sobretudo, contra a superstição.

## A Alma Errante

No volume intitulado *Les Six Nouvelles*<sup>28</sup>, escrito por Maxime Ducamp, encontra-se uma história comovente, que recomendamos aos nossos leitores. É a de uma alma errante que conta suas próprias aventuras.

Não temos a honra de conhecer o Sr. Maxime Ducamp, a quem jamais vimos. Conseqüentemente, não sabemos se colheu seus ensinamentos em sua própria imaginação ou em estudos espíritas. Mas, seja como for, ele não podia ser inspirado com maior felicidade. Podemos julgá-lo pelo seguinte fragmento. Não falaremos do quadro fantástico no qual a novela é encaixada; é um acessório sem importância e puramente formal.

“Sou uma alma errante, uma alma penada; vago através dos espaços, esperando um corpo. Viajo nas asas do vento, no azul do céu, no canto dos pássaros, nas pálidas claridades da lua. Sou uma alma errante...

“Desde o instante em que Deus nos separou dEle, temos vivido na Terra muitas vezes, ascendendo de geração em geração, abandonando sem pesar os corpos que nos são confiados e continuando a obra de nosso próprio aperfeiçoamento, através das existências que sofremos.

“Quando deixamos este hospedeiro incômodo que nos serve tão mal; quando ele vai fecundar e renovar a terra donde saiu; quando, em liberdade, abrimos finalmente nossas asas, Deus nos dá a conhecer o nosso objetivo. Vemos nossas existências precedentes e avaliamos o progresso realizado durante séculos; compreendemos as punições e recompensas que nos atingiram, pelas alegrias e pelas dores de nossa vida; vemos nossa inteligência crescer de nascimento em nascimento, e aspiramos ao estado supremo, pelo qual deixaremos esta pátria inferior para ganhar os planetas radiosos, onde as paixões são mais elevadas, o amor menos ambicioso, a felicidade mais constante, os órgãos mais desenvolvidos, os sentidos mais numerosos, cuja morada é reservada aos habitantes de mundos que, por suas virtudes, se aproximaram da beatitude mais do que nós.

“Quando Deus nos envia novamente a corpos que para nós devem viver uma vida miserável, perdemos toda consciência daquilo que precedeu esses novos nascimentos. O *eu*, que havia despertado, dorme uma vez mais; não persiste mais e, de nossas existências passadas não restam senão vagas reminiscências, que nos causam simpatias, antipatias e, por vezes, idéias inatas.

“Não falarei de todas as criaturas que viveram no meu sopro; mas minha última existência sofreu uma desgraça tão grande que é apenas desta que quero contar a história.”

Seria difícil definir melhor o princípio e a finalidade da reencarnação, a progressão dos seres, a pluralidade dos mundos e o futuro que nos aguarda. Eis agora, em duas palavras, a história daquela alma: Um rapaz amava a uma jovem e era correspondido, mas havia obstáculos contrapondo-se à sua união. Pediu então a Deus que durante o sono permitisse à sua alma desprender-se do corpo, a fim de visitar a sua bem-amada. Este favor lhe foi concedido. Assim, todas as noites sua alma se evola e deixa o corpo em estado de completa inércia, donde não sai senão quando a alma

retorna e se integra ao corpo. Durante esse tempo, vai visitar aquela que ama. Ele a vê, sem que ela o suspeite; quer falar-lhe, mas ela não o escuta; observa os seus menores movimentos, surpreende seu pensamento. É feliz com as alegrias dela, triste com as suas dores. Nada mais gracioso e mais delicado que o quadro dessa cena entre a moça e a alma invisível. Mas, oh! fraqueza do ser encarnado! Um dia, ou melhor, uma noite, ele se esquece; três dias se passam sem que pense em seu corpo, que não pode viver sem a alma. De repente, pensa em sua mãe, que o espera, e que deve estar inquieta devido a um sono tão prolongado. Então corre; mas é tarde demais: seu corpo deixara de viver. Assiste aos funerais, depois consola sua mãe. Desesperada, sua noiva não quer ouvir falar de nenhuma outra união. Vencida, entretanto, pelas solicitações da própria mãe, acaba cedendo, depois de longa resistência. A alma errante lhe perdoa uma infidelidade que não está em seu pensamento; mas, para receber suas carícias e não mais a deixar, pede para encarnar-se no filho que deve nascer.

Se o autor não está convencido das idéias espíritas, é preciso convir que representa muito bem o seu papel.

## O Espírito e o Jurado

Um de nossos correspondentes, homem de grande saber e portador de títulos científicos *oficiais*, o que não o impede de ter a fraqueza de acreditar que temos uma alma e que esta alma sobrevive ao corpo, que depois da morte fica errante no espaço e ainda pode comunicar-se com os vivos – tanto mais quanto ele próprio é um bom médium e mantém numerosas conversas com os seres de além-túmulo – dirige-nos a seguinte carta:

“Senhor,

“Talvez julgueis acertado acolher na vossa interessante revista o fato seguinte:

“Há algum tempo eu era jurado. O Tribunal devia julgar um rapaz, apenas saído da adolescência, acusado de ter assassinado uma senhora idosa em horríveis circunstâncias. O acusado confessava e contava os detalhes do crime com uma impassibilidade e um cinismo que faziam estremecer a assembléia.

“Entretanto, era fácil prever que, em virtude de sua idade, de sua absoluta falta de educação e das excitações que recebera em família, invocariam para ele circunstâncias atenuantes, tanto mais que ele lançava culpa na cólera de que se viu tomado, agindo contra uma provocação por injúrias.

“Eu quis consultar a vítima sobre o grau de sua culpabilidade. Chamei-a durante uma sessão, mediante evocação mental. Ela me fez saber que estava presente e eu lhe dei a mão. Eis a conversação que tivemos: eu, mentalmente; ela, pela escrita:

P. Que pensais do vosso assassino?

*Resp.* – Não serei eu a acusá-lo.

P. Por quê?

*Resp.* – Porque ele foi impelido ao crime por um homem que me fez a corte há cinqüenta anos e que, nada havendo obtido de mim, jurou vingar-se. Conservou na morte o desejo de vingança, aproveitando-se das disposições do acusado para inspirar-lhe o desejo de matar-me.

P. Como o sabeis?

*Resp.* – Porque ele próprio mo disse, quando cheguei ao mundo em que hoje habito.

P. Compreendo vossa reserva diante da excitação que vosso assassino não repeliu, como devia e podia. Entretanto, não

pensais que a inspiração criminosa, à qual tão voluntariamente obedeceu, não teria sobre ele o mesmo poder, caso não houvesse nutrido ou entretido, durante muito tempo, sentimentos de inveja, de ódio e de vingança, contra vós e vossa família?

*Resp.* – Seguramente. Sem isso ele teria sido mais capaz de resistir. Eis por que afirmei que aquele que quis se vingar aproveitou-se das disposições deste rapaz; havereis de convir que ele não se teria dirigido a alguém que se dispusesse a resistir.

P. Ele goza com a sua vingança?

*Resp.* – Não, porquanto vê que lhe custará caro. Além disso, ao invés de me fazer mal, ele me prestou um serviço, fazendo-me entrar mais cedo no mundo dos Espíritos, onde sou mais feliz; foi, pois, uma ação má, sem proveito para ele.

“Circunstâncias atenuantes foram admitidas pelo júri, com base nos motivos acima indicados, e a pena de morte foi afastada.

“A respeito do que acabo de contar, há uma observação moral de alta importância a ser feita. É necessário concluir, com efeito, que o homem deve vigiar os seus menores pensamentos, até os seus maus sentimentos, aparentemente os mais fugidios, já que estes têm a propriedade de atrair para ele Espíritos maus e corrompidos, e oferecê-lo, fraco e desarmado, às suas inspirações culposas: é uma porta que ele abre ao mal, sem compreender o perigo. Foi, pois, com um profundo conhecimento do homem e do mundo espiritual que Jesus Cristo disse: “Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.” (Mateus, capítulo V, versículo 28).

“Tenho a honra, etc.

Simon M...”

## Advertências de Além-Túmulo

O OFICIAL DA CRIMÉIA

*L'Indépendance belge*, que não pode ser acusado de excessiva benevolência em relação às crenças espíritas, referiu o seguinte fato, reproduzido por vários jornais, e que por nossa vez transcrevemos com todas as reservas, pois não tivemos oportunidade de constatar a sua realidade.

“Seja porque a nossa imaginação inventa e povoa um mundo de almas ao lado e acima de nós; seja porque o mundo no qual estamos, vivemos e agimos existe realmente, é fora de dúvida, pelo menos para mim, que se produzem acidentes inexplicáveis, que provocam a Ciência e desafiam a razão.

“Na guerra da Criméia, durante uma dessas noites tristes e longas que se prestam maravilhosamente à melancolia, ao pesadelo e a todas as nostalgias do Céu e da Terra, um jovem oficial levanta-se de repente e sai de sua tenda, a fim de procurar um de seus camaradas para dizer-lhe:

– Acabo de receber a visita de minha prima, a Srta. de T...

– Sonhaste.

– Não. Ela entrou, pálida, sorridente, apenas roçando o chão muito duro e grosseiro para os seus pés delicados. Olhou-me, após me haver despertado subitamente com a sua voz doce, e me disse: “Demoras muito! Toma cuidado! Algumas vezes a gente morre na guerra sem ir à guerra.” Quis falar-lhe, levantar-me, correr até ela. Mas ela recuou e, pondo o dedo sobre os lábios, disse: “Silêncio! Tem coragem e paciência, nós nos tornaremos a ver.” Ah! meu amigo, ela estava muito pálida; tenho certeza de que está doente, de que ela me chama.

– Sonhas acordado; estás doido, redargüiu o amigo.

– É possível. Mas, então, o que vem a ser esta agitação em meu coração, que a evoca e me faz vê-la?

“Os dois rapazes conversaram e, ao amanhecer, o amigo acompanhou o oficial visionário à sua tenda, quando este estremeceu de repente e disse:

– Ei-la, meu amigo; ei-la , diante da minha tenda... Faz-me sinais, dizendo que não tenho fé nem confiança.

“Naturalmente o amigo nada via. Fez, porém, o melhor que podia para tranqüilizar o camarada. Nasceu o dia e, com ele, as ocupações muito sérias para deixarem de lado os fantasmas da noite. Mas, por uma precaução perfeitamente compreensível, no dia seguinte uma carta partiu para a França, pedindo notícias urgentes da Srta. T... Alguns dias depois responderam que a Srta. T... estava gravemente doente e que se o jovem oficial pudesse obter uma licença, talvez a sua visita lhe causasse um efeito salutar.

“Pedir licença no momento das lutas mais rudes, provavelmente na véspera de um assalto decisivo, alegando temores sentimentais, era coisa que não se podia pensar. Todavia, creio lembrar que a licença foi pedida e obtida e que o oficial já ia partir para a França, quando teve mais uma visão. Esta era pavorosa. Pálida e muda, a Srta. T... deslizou uma noite no interior de sua tenda e lhe mostrou o longo vestido branco que arrastava. O jovem oficial não duvidou um só instante que sua noiva estivesse morta. Estendeu a mão, pegou uma de suas pistolas, e arreventou os miolos.

“Com efeito, naquela mesma noite, à mesma hora, a Srta. T... havia exalado o último suspiro.

“Resultaria essa visão do magnetismo? Não sei. Seria loucura? Espero que sim. Mas era qualquer coisa que escapava às

zombarias dos ignorantes e às zombarias ainda mais inconvenientes dos homens de saber.

“Quanto à autenticidade deste fato, posso garanti-la. Interrogai os oficiais que passaram este longo inverno na Criméia, e não serão poucos os que vos contarão fenômenos de pressentimento, de visão, de miragem da pátria e de parentes, análogas a este que acabo de contar.

“O que se deve concluir de tudo isso? Nada. A menos que terminasse minha correspondência de maneira muito lúgubre, e que talvez soubesse fazer dormir sem saber magnetizar.”

*Thécel*

Como dissemos no início, não podemos constatar a autenticidade do fato. Mas o que podemos garantir é a sua possibilidade. Os exemplos verificados, antigos e recentes, de advertências de além-túmulo são tão numerosos que este nada tem de mais extraordinário que outros, testemunhados por tantas pessoas dignas de fé. Podiam parecer sobrenaturais em outros tempos; mas hoje, que sua causa é conhecida e estão psicologicamente explicados, graças à teoria espírita, nada têm que os afaste das leis da Natureza. Acrescentaremos apenas uma observação: se aquele oficial tivesse conhecido o Espiritismo, saberia que o meio de reunir-se à sua noiva não seria cometendo o suicídio, pois a ação poderá afastá-los por um tempo muito mais longo que aquele que ele teria vivido na Terra. Além disso, o Espiritismo lhe teria dito que a morte gloriosa, no campo de batalha, ter-lhe-ia sido mais proveitosa do que a que se permitiu voluntariamente, através de um ato de fraqueza.

Eis um outro fato de advertência de além-túmulo, referido pela *Gazette d'Arad* (Hungria), do mês de novembro de 1858:

“Dois irmãos israelitas de Gyek, Hungria, tinham ido a Grosswardein, levar suas duas filhas de 14 anos a um pensionato. Durante a noite que se seguiu à partida, outra filha de um deles, de 10 anos de idade e que ficara em casa, levantou-se em sobressalto e, chorando, contou à mãe que vira em sonho o pai e o tio cercados por vários camponeses que lhes queriam fazer mal.

“A princípio a mãe não deu nenhuma importância a estas palavras; mas, vendo que não conseguia acalmar a criança, levou-a à casa do prefeito local, onde a menina contou novamente o sonho, acrescentando que reconhecera entre os camponeses dois de seus vizinhos, e que o fato se passara na orla de uma floresta.

“Imediatamente o prefeito mandou dar uma busca no domicílio dos dois camponeses, que de fato estavam ausentes. Depois, para se assegurar da verdade, expediu outros emissários na direção indicada, os quais encontraram cinco cadáveres nos confins de um bosque. Eram os dois pais com as filhas e o cocheiro que os tinha conduzido. Os cadáveres haviam sido atirados sobre um braseiro para se tornarem irreconhecíveis. Logo a polícia começou a fazer as diligências. Prendeu os dois camponeses designados, no momento em que procuravam trocar várias cédulas manchadas de sangue. Uma vez na prisão confessaram o crime, dizendo que reconheciam o dedo de Deus na pronta descoberta do delito.”

## Os Convulsionários de Saint-Médard

(Sociedade, 15 de julho de 1859)

*Notícia* – François Pâris, famoso diácono de Paris, morto em 1727, aos 37 anos de idade, era o filho mais velho de um conselheiro do Parlamento, a quem naturalmente devia suceder no cargo. Preferiu, no entanto, abraçar a carreira eclesiástica. Após a morte do pai deixou os bens para o irmão e, durante algum tempo, ensinou catecismo na paróquia de São Cosme, encarregando-se da

direção dos clérigos e fazendo-lhes conferências. O cardeal de Noailles, a cuja causa estava ligado, quis nomeá-lo cura dessa paróquia, mas sobreveio um obstáculo imprevisto. O abade Pâris consagrou-se inteiramente ao retiro. Depois de ter experimentado diversos eremitérios, confinou-se numa casa do subúrbio de São Marcelo. Lá se entregou sem reserva à prece, às práticas mais rigorosas da penitência e ao trabalho manual. Fazia meias para os pobres, que considerava como seus irmãos; morreu nesse asilo.

O abade Pâris havia aderido ao apelo da bula *Unigenitus*, interposta pelos quatro bispos; tinha renovado seu apelo em 1720. Assim, devia ter sido descrito diversamente pelos partidos opostos. Antes de fazer meias produziu livros muito medíocres. Dele possuímos explicações sobre as epístolas de São Paulo aos Romanos e aos Gálatas, e uma análise da epístola aos Hebreus, que pouca gente lê.

Tendo seu irmão mandado erigir-lhe um túmulo no pequeno cemitério de Saint-Médard, os pobres socorridos pelo piedoso diácono, alguns ricos que ele havia edificado e algumas mulheres que tinha instruído para lá se dirigiam, a fim de fazer preces. Houve curas que pareceram maravilhosas e convulsões que foram consideradas perigosas e ridículas. A autoridade viu-se enfim obrigada a fazer cessar esse espetáculo, determinando o fechamento do cemitério no dia 27 de janeiro de 1732. Então os mesmos entusiastas foram provocar suas convulsões em casas particulares. Na opinião de muita gente, o túmulo do diácono Pâris foi o túmulo do jansenismo. Mas algumas pessoas julgaram ver o dedo de Deus, tornando-se mais ligadas a uma seita capaz de produzir tais maravilhas. Há diferentes histórias desse diácono, do qual talvez jamais teriam falado se não o houvessem querido transformar num taumaturgo.

Entre os fenômenos estranhos apresentados pelos convulsionários de Saint-Médard citam-se: a faculdade de resistir a

golpes tão terríveis que os corpos deveriam ficar triturados; a de falar línguas ignoradas ou esquecidas; um desdobramento extraordinário da inteligência: os mais ignorantes entre eles improvisavam discursos sobre a graça, os males da Igreja, o fim do mundo, etc.; a faculdade de ler o pensamento; postos em contato com os doentes, apresentavam dores no mesmo local daqueles que os consultavam; nada mais freqüente do que ouvi-los predizer diversos fenômenos anormais que deveriam sobrevir no curso de suas moléstias.

A insensibilidade física produzida pelo êxtase deu lugar a cenas atrozes. A loucura chegou a ponto de realmente crucificarem vítimas infelizes, a fazer-lhes sofrer todos os detalhes da Paixão do Cristo. E estas vítimas, cujo fato é atestado pelas mais autênticas testemunhas, solicitavam as terríveis torturas, designadas entre os convulsionários pelo nome de grande socorro.

A cura dos doentes se operava pelo simples toque da pedra tumular ou pela poeira que encontravam à sua volta e que tomavam com alguma bebida ou aplicavam sobre as úlceras. Bastante numerosas, estas curas foram atestadas por milhares de testemunhas, muitas das quais são homens de ciência, no fundo incrédulos, que registraram os fatos sem saber a que os atribuir.

*Paulyne Roland*

1. Evocação do diácono Pâris

*Resp.* – Estou às vossas ordens.

2. Qual é o vosso estado atual como Espírito?

*Resp.* – Errante e feliz.

3. Tivestes outras existências corporais depois dessa que conhecemos?

*Resp.* – Não; estou constantemente ocupado em fazer o bem aos homens.

4. Qual foi a causa dos fenômenos estranhos que se passavam com os visitantes do vosso túmulo?

*Resp.* – Intriga e magnetismo.

*Observação* – Entre as faculdades de que eram dotados os convulsionários, reconhecemos algumas sem a menor dificuldade, das quais o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos. Tais são, entre outras: a insensibilidade física, a percepção do pensamento, a transmissão solidária das dores, etc. Assim, não podemos duvidar que essas criaturas em plena crise estivessem numa espécie de estado de sonambulismo acordado, provocado pela influência que exerciam uns sobre os outros, mau grado seu. Eram, ao mesmo tempo, magnetizadores e magnetizados.

5. Por que motivo uma população inteira foi subitamente dotada dessas estranhas faculdades?

*Resp.* – Elas se comunicam muito facilmente em certos casos, e não sois tão estranhos às faculdades dos Espíritos para não compreender que nisto eles tomaram uma grande parte, por simpatia para com aqueles que as provocavam.

7. Participastes diretamente como Espírito?

*Resp.* – Nem de longe.<sup>29</sup>

8. Outros Espíritos concorreram para isso?

*Resp.* – Muitos.

9. Em geral de que natureza eram?

*Resp.* – Pouco elevada.

10. Por que essas curas e todos esses fenômenos cessaram quando a autoridade se opôs, mandando fechar o cemitério? Teria, então, a autoridade mais poder que os Espíritos?

*Resp.* – Deus quis fazer cessar o fenômeno porque

<sup>29</sup> N. do T.: Como no original francês, a numeração saltou do 5 para o 7.

havia degenerado em abuso e escândalo. Foi preciso um meio e ele empregou a autoridade dos homens.

11. Desde que não participastes dessas curas, por que escolhiam vosso túmulo, de preferência a outro?

*Resp.* – Acreditais que eu tenha sido consultado? Escolheram meu túmulo calculadamente: minhas opiniões religiosas, primeiro, e o pouco bem que eu tinha procurado fazer foram explorados.

## Observação a Propósito da Palavra Milagre

O Sr. Mathieu, que citamos em nosso artigo do mês de outubro, a respeito dos milagres, dirige-nos a reclamação seguinte, que nos apressamos em atender:

“Senhor,

“Se não tenho a vantagem de estar de acordo convosco sobre todos os pontos, pelo menos estou naquilo que tivestes ocasião de dizer de mim no último número de vosso jornal. Assim, aprecio sobremaneira vossa observação relativamente à palavra *milagre*. Se dela me servi em meu opúsculo, tive o cuidado de dizer ao mesmo tempo (pág. 4): “Convencido de que a palavra *milagre* exprime um fato produzido fora das leis *conhecidas* da Natureza; um fato que escapa a toda explicação humana, a toda interpretação científica.” Supunha assim indicar suficientemente que não atribuía a essa palavra senão um valor relativo e convencional; parece que me enganei, pois vos destes ao trabalho de me censurar.

“Em todo o caso, conto com a vossa imparcialidade, senhor, para que estas breves linhas, que tenho a honra de vos dirigir, encontrem lugar em vosso próximo número. Não me sinto ofendido; que vossos leitores saibam que eu não quis atribuir à

palavra em questão o sentido que lhe censurais. Houve inabilidade de minha parte, ou mal-entendido da vossa, quiçá um pouco de uma e de outra.

“Recebei, etc.

*“Mathieu”*

Como dissemos em nosso artigo, estávamos perfeitamente convencidos do sentido em que o Sr. Mathieu havia empregado a palavra milagre; assim, nossa crítica não visava absolutamente à sua opinião, mas ao emprego da palavra, mesmo na sua acepção mais racional. Há tantas pessoas que vêm apenas a superfície das coisas, sem se darem ao trabalho de aprofundá-las – o que não as impede de julgar como se as conhecessem – que um tal título, dado a um fato espírita, poderia ser tomado ao pé da letra, de boa-fé por uns, com malevolência pelo maior número. Nossa observação a respeito é tanto mais fundada quando nos lembramos de ter lido em alguma parte, num jornal cujo nome nos escapa, um artigo onde aqueles que gozam da faculdade de provocar os fenômenos espíritas eram classificados, a título de zombaria, como fazedores de milagres, e isto a propósito de um adepto muito zeloso, que ele próprio estava convencido de os produzir. É o caso de lembrar que nada é mais perigoso do que um amigo imprudente. Nossos adversários são muito impetuosos em nos levar ao ridículo, sem que lhes tenhamos oferecido pretexto.

## Aviso

A abundância de matérias não nos permite inserir neste número o Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Dá-lo-emos no do mês de dezembro, num suplemento, assim como várias outras comunicações que a falta de espaço nos levou a adiar.

*Allan Kardec*